

## **Imaginação e transformação: um estudo sobre a capacidade de descentração do ator.**

*Joana Izabel da Silva*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Palavras-chave: teatro; transformação; imaginação; descentração.

Este trabalho enfoca alguns princípios de uma pesquisa de Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS, que investiga aspectos da aprendizagem em teatro sob o ponto de vista dos sujeitos em processo de iniciação teatral. O material empírico da análise a ser realizada na pesquisa é constituído por depoimentos coletados através de entrevistas e conversas com alunos de um Curso de Iniciação Teatral, no qual a pesquisadora atua como professora, que se desenvolve como Projeto de Extensão Universitária no Departamento de Arte Dramática da UFRGS.

Dentre os aspectos relacionados ao processo de construção de conhecimento do ator mencionados nesses depoimentos destacam-se a espontaneidade e a imaginação, capacidades que, segundo eles, são desenvolvidas na infância, mas tendem a se enfraquecer em função das características e exigências da vida adulta, significando retrocesso no desenvolvimento do processo de elaboração teatral.

Tendo por base essas constatações, este trabalho discute o papel da imaginação no processo de construção de conhecimento, considerando possíveis relações entre o desenvolvimento espontâneo da criança e o trabalho artístico do ator, a partir de alguns conceitos das teorias do conhecimento de Jean Piaget e da atuação de Constantin Stanislavski.

Para Piaget, o sujeito, na sua busca de assimilar o mundo, age sobre o mundo, compreendendo-o, transformando-o à sua maneira e transformando a si mesmo. E a imaginação é um dos elementos constitutivos desse processo de transformação, pois permite ao sujeito superar o pensamento egocêntrico em favor da progressiva descentração.

Stanislavski desenvolve suas idéias contrapondo-se a um tipo de atuação mecanizada, em que o ator faz uso de “ clichês ” e caracterizações exteriores, que não se preocupam em compreender e expressar a vida do seu personagem. Ele parte da concepção que o trabalho de atuação deve ser “ vivo ”, pois o objetivo do ator em cena é dar vida a uma vida imaginária. E considera: “ não pode haver arte verdadeira sem vida. Ela começa onde os sentimentos assumem os seus direitos ” (STANISLAVSKI, 1999:52).

Para ele, a compreensão do universo do personagem, ou seja, das circunstâncias dessa “ vida imaginária ”, exige que o ator desenvolva um trabalho sobre si mesmo, que aprenda a utilizar os seus próprios sentimentos. Ao trabalhar sobre si mesmo o ator tende a ampliar suas capacidades de observação, tendendo a compreender como as coisas acontecem ao seu redor e como ele mesmo reage aos acontecimentos da sua vida, o que o torna mais apto a inserir-se no universo do seu personagem, a imaginar suas ações, nas diferentes circunstâncias em que este

se encontra, e a agir *como se* estivesse vivendo sob suas circunstâncias, dando vida ao universo imaginário do personagem, trazendo-o para o plano real.

Compreendendo que a prática do ator requer que ele aja *como se* estivesse vivendo sob o ponto de vista do personagem, evidencia-se, no ato de interpretar, um incentivo para a ampliação das capacidades de reconhecimento do outro e do universo que o cerca. Essa capacidade de colocar-se noutro ponto de vista é caracterizada por Piaget como descentração.

A imaginação também desempenha um papel fundamental no processo de desenvolvimento do sujeito. Um aspecto do processo de conhecimento é a aquisição e o exercício da capacidade de imaginar. Através da imaginação o sujeito conhece o mundo e transforma-se, no sentido de ampliar suas capacidades de conhecer e se relacionar com o universo a sua volta.

Na teoria de Piaget, o processo de descentração é compreendido na sua vinculação com o processo de constituição e desenvolvimento do sujeito do conhecimento. Segundo Piaget, o sujeito conhece à medida que interage com o mundo e a sua ação é o foco da sua formação. Porém, esta ação não é uma ação isolada, mas sempre uma ação em relação ao objeto, sempre uma ação relacionada com o meio físico ou social no qual ele se insere:

De uma parte, o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se impoiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não de intercâmbio entre formas distintas (Piaget, 1983, p. 6).

Nas etapas precoces do processo de desenvolvimento, o sujeito não consegue ainda distinguir o que é ele próprio do que é objeto. A partir desta constatação, de que, no início, não preexiste a diferenciação sujeito e objeto, o problema que se levanta é o de como ocorre esse processo de diferenciação.

Durante seu desenvolvimento, a criança passa do ponto de vista centrada em si mesma a uma ampliação de suas ações no sentido de descentrar seu olhar e, conseqüentemente, suas ações. Assim, primeiramente, ela compreende o mundo de uma maneira egocêntrica, centrada em si mesma, para, então, passar a ampliar suas ações e, conseqüentemente, a sua forma de compreender o mundo, no sentido da progressiva descentração.

A ação do sujeito na busca por conhecimento é sempre uma ação de transformação: o sujeito transforma a si mesmo e ao objeto através do processo de interação. Ao buscar a satisfação de uma necessidade, o sujeito depara-se com um determinado objeto, seja do meio físico ou social, porém, não encontra resposta imediata ao que procura. Sua primeira tentativa é a de transformar o objeto para que este consiga dar conta do que precisa. É justamente neste momento, quando o sujeito percebe que não consegue modificar o objeto, que ele transforma a si mesmo para adaptar-se a ele, para compreendê-lo, para assimilá-lo.

O conhecimento não ocorre por força do sujeito, tampouco do objeto, mas na relação que se estabelece entre eles. No início da constituição do sujeito, este ainda não consegue diferir o que é ele próprio do que é o universo que o cerca. A criança ainda não tem conhecimento de si e, conseqüentemente do objeto. Nessa fase do desenvolvimento em que a criança está começando a reconhecer o universo à sua volta, um dos processos de sua construção é adquirido a partir do uso de sua imaginação criadora, que ocorre através do jogo simbólico. É mediante a sua imaginação que o sujeito assimila o real ao *eu*.

A função simbólica surge da necessidade da criança de compreender o mundo. Na ausência da capacidade de entender o meio da maneira como se apresenta, a criança cria seu próprio mundo, assimilando os objetos através de significados e explicações que constrói a partir da sua própria realidade, numa atitude egocêntrica. O papel da imaginação é o de fornecer meios de assimilação do mundo e não apenas o de propiciar o exercício de atividades sem uma finalidade específica. O interesse do sujeito, nesta fase de seu desenvolvimento está nas “realidades simbolizadas, servindo tão só o símbolo para evocá-las” (PIAGET, 1990: 156).

No momento que se entende o papel da imaginação criadora da criança, que se apresenta através do jogo simbólico, pode-se dizer que a imaginação é um meio da criança transformar-se. Esta afirmação reforça-se a partir da perspectiva de que a ação de construção de conhecimento do sujeito é, por si só, uma ação de transformação. Ou seja, quando a criança constrói conhecimento através do jogo simbólico, a imaginação apresenta-se como fundamental no ato de sua transformação, desempenhando importante papel para o conhecimento de si e do mundo que a cerca.

No caso do ator, contrariamente ao caso da criança no período simbólico, seu objetivo é o de extravasar a realidade em que está inserido, sendo capaz de criar uma outra vida através das imagens oferecidas pelas circunstâncias da cena que vai executar. No desenvolvimento da criança, o apelo por sua imaginação ocorre por ausência de outra capacidade de reconhecer o mundo que a cerca.

Pode-se dizer então que, enquanto a imaginação significa no pensamento da criança um meio para assimilar o mundo, e que, por sua estrutura, acontece de maneira egocêntrica, no pensamento do ator, a imaginação significa o ponto de partida para a criação de uma outra vida, indo na direção oposta do egocentrismo, ou seja, no desenvolvimento da atitude descentrada.

Esta diferença entre a ação da criança e a ação do ator explica-se a partir da estrutura de pensamento do sujeito, portanto entende-se que a imaginação é importante para ambos, porém com qualidades e funções diferentes. Nesse caso o que os diferencia é a fase do desenvolvimento em que se encontram.

Se a criança está na fase de seu desenvolvimento em que só é capaz de entender o mundo a partir de si mesma, sua ação se constrói de maneira preponderantemente egocêntrica. No caso do ator, sua ação deve direcionar-se no sentido de descentrar-se cada vez mais. O desenvolvimento da sua imaginação tenderá, portanto, a desenvolver a sua capacidade de “colocar-se no lugar de outro”, através do exercício de agir *como se* estivesse vivenciando as circunstâncias da vida do personagem.

Em ambos os casos, da criança e do ator, suas ações refletem-se como ações de transformação. Como vimos anteriormente, a construção de conhecimento é uma ação de transformação do sujeito. A diferença aqui se mostra apenas pela estrutura de pensamento em que esta transformação acontece.

### **Referências bibliográficas:**

STANISLAVSKI, Constantin. **A Preparação do Ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1990.

\_\_. A Epistemologia Genética, Saberes e ilusões da filosofia, **Problemas de psicologia genética**. São Paulo: Abril cultural, 1983.